



OS XAVANTES EM PLENA ATUAÇÃO NAS RUAS DA CIDADE, FORAM OS VENCEDORES DO CARNAVAL.

A Macumba subjuga o Carnaval

Reportagem de **CARLOS GALVÃO KREBS** e **LÊO GUERREIRO**

Meio século atrás, na Bahia de Nina Rodrigues, o negro fantasiava-se de africano. Na Pôrto Alegre de hoje as pessoas de cor "brincam o Carnaval" vestidas com caríssimas fantasias de índio.

O FATO de a macumba insinuar-se dentro do carnaval não é novo no Brasil. É coisa velha de meio século.

A mais antiga referência que conhecemos é devida ao mestre Nina Rodrigues, o primeiro e maior vulto



DIAS: peregrinação de Bororós. Isto garantirá ainda por muito tempo a sobrevivência da tribo caribolada que entre nós tem características especiais.



A GRACIOSA deusa da tribo dos Bororós. Observe-se a decoração da sede ancestral, com figuras de índios e palavras do ritual do batuque nas paredes.

A COMPLICADA PINTURA MERECE CUIDADOS ESPECIAIS. NA COCARES EM FORMA DE BICO DE PASSAROS.



Na luta quem pode mais é O

dos estudos de afroetnologia no país. Acusando observador, Nina Rodrigues aponta explicitamente a penetração do candomblé no carnaval do Salvador daquela época. A obra nos dá o limiar do século atual.

BAHIA

Na obra póstuma "Os Africanos no Brasil", publicada três décadas após a sua morte, Nina Rodrigues denuncia claramente o fato. Retrata os grandes e pequenos grupos carnavalescos de Salvador, como "A Embaixada Africana", os "Pândegos da África", a "Chegada Africana", os "Filhos da África". Desde a requintes de minúcia descrevendo a participação do primeiro deles no pré-lito carnavalesco: "O sucesso deste clube foi enorme. Vários competia multidão de negros e mestiços que a ele, todo-se dizer, se haviam incorporado e que o acompanhavam cantando as cantigas africanas, imitando as suas danças e vitoreando os seus ídolos ou santos que lhes eram mostrados do alto do festão. Dir-se-ia um candomblé colonial a perambular pelas ruas da cidade. E, com sua permanente ignição de ânimo, para afastar qualquer ideia de purificação, transcreve trechos do Diário da Bahia e do Jornal de Notícias, de 16 e 11 do fevereiro de 1899 respectivamente. Termina o capítulo com estas palavras: "As danças e cantigas africanas, que se exibiam no carnaval, são as danças e cantos dos candomblés, do culto Jeje orubum, fortemente radicados na nossa população de cor."

PERNAMBUCO

Precisamente 57 anos depois de Nina Rodrigues conta a Guerra Peixe, excelente revelação da pesquisa folclórica no país, a mesma denúncia com respeito ao carnaval do Recife. "Maracatus do Recife", seu livro de estreia, não traz data. Mas tanto a capa quanto a dedicação vêm datados de 1955. Admite o autor "que o maracatu seja um cortejo real e as práticas são reminiscências decorrentes das festas de coroação de reis negros". Isto é, da coroação dos Reis do Congo, dos Cumbis ou Quilombis se desprende o cortejo do maracatu, que adquiriu exis-

gum, deus da guerra e do ferro

ência própria, para sobreviver até hoje ao carnaval pernambucano. Culturalmente conhecemos Guerra Peixe no carnaval de 1952, no Recife, onde vimos pela primeira vez o Maracatu Elefante com a Rainha Santa, que aquele investigador pesquisava para a obra que estava editando. Pois Guerra Peixe inaugurava vezes refere em "Maracatus do Recife" as implicações religiosas dos "xangôs" (título regional das religiões afro-pernambucanas) dentro dos maracatus recifenses. A ponto de os "marcantes" (instrumentos de percussão usados nos maracatus) serem "preparados" ritualmente, isto é, consagrados num "terreiro" de confiança, antes de entrarem em uso efetivo. Mais: "No Maracatu Elefante apenas os tabuleiros são pintados. A linta serve para amuleto os grandes tambores, conservar a madeira e vedar eventuais fendas de ar. Determinando a escola das cores — encarnado e branco — ocorrem, além, motivos de ordem religiosa, pois essa particular combinação cromática constitui o cêdo da divindade Xangô, orixá protetor do cortejo". Ainda: "O toque Zangado também acompanhava Du Casa Vão, o cântico por excelência propiciatório à posseção, segundo os populares... Certa ocasião, entre batuqueiros (tocadores dos instrumentos de percussão no maracatu) provocamos a execução do referido toque, a fim de apreciá-lo em todos os seus detalhes e, imediatamente, alguns populares reagiram de maneira bem expressiva. A interrupção do toque foi instantaneamente ordenada e os músicos enérgicamente repreendidos". Referindo-se a uma toada com a qual "se pede passagem ao povo pra Maracatu sai", assim comenta Guerra Peixe: "Mas talvez o pedido não fosse dirigido apenas ao povo, pois essa é a Toada Consagrada a Ezzé (o grito é nosso)".

PORTO ALEGRE

Tanto quanto pudemos investigar, na capital gaúcha o fato atinge o seu ponto culminante. Em Porto Alegre, de dez anos a esta parte começaram a aparecer várias tribos carnavalescas. São clubes organizados permanentemente, reunindo quase que só ou mesmo só gente de cor. Não seria, como na Bahia de Nina Rodrigues, se fantasiam de africanos, mas de índios. Para evitar a nudez e a censura, e procurando cada ano variar de indumentária, inspiram-se em culturas mais elevadas: Antecas e Incas, por exemplo.

No carnaval recém-fimido concentraram as pesquisas sobre algumas dessas tribos. Noites foram perdidas infundadamente por uma razão muito simples: Antônio Augusto, pertencente a um dos matutinos da Capital, sempre antes havia surpreendido e publicado, numa breve reportagem, o mesmo fato que nos preocupava. Por isso os integrantes de todas as tribos se mostravam esquivos e fechados. As noites se acabavam entre

OS XAVANTES, dentro do "terreiro" de umbanda. Além das "festações", pintam-se os símbolos rituais pendurados nas paredes da sala de culto.



OS XAVANTES RECEBEM UM PRÊMIO CONQUISTADO NO CARNAVAL.

"flashs" inúteis, muito trabalho e total decepção. Mas...

SURGE O FIO DA MEADA

No extremo Sul do país ainda celebramos carnaval, como uma espécie de "microtêma", no sábado e domingo imediatamente ao tríduo tradicional. Este domingo de despedida se chama aqui "Domingo da Pinhata". Pois aconteceu exatamente na noite do Domingo da Pinhata. Fomos ver a tribo dos Xavantes. Como todas as tribos, também esta organizou uma espécie de diálogo, misto de lupi-guarani e de algumas palavras africanas, meditando o qual seus participantes se falam em público. Os chefes e membros possuem nomes índios ou presumivelmente indígenas. Um dos principais dos Xavantes se chama Poje Assatiquessa, cujo verdadeiro nome guar-

daremos com discreção. Mesmo interrogado e provocado, negou qualquer ligação entre as religiões afro-gaúchas, especialmente a Umbanda, e os Xavantes. Naquela noite, afirmava ele, não foram nada de maior.iriam apenas a casa de uma senhora que os desejava obsequiar com alguns doces e bebidas. Depois, bem mais tarde, desfilaram por um dos dois curtos do bairro, a fim de receber o prêmio em dinheiro, que lhes coubera pela segunda classificação no concurso carnavalesco do Pirenão. A frente da sede estava um camião para transportá-los.

A REVELAÇÃO

Contando a história da tribo, Poje Assatiquessa narrou que fundara antes, em 1946, a dos Cuétes. M. x. den-





O XAVANTE, o "babaré" e a espada de Ogum reunidos num só grupo.



ASPECTO do peji do "babaré" João Batista Dias. Objetos rituais e alguns orixás "em culto", isto é, divindades representadas através da escultura.



tro de certo tempo, desligou-se deles. E, em 17 de abril de 1952, fundara a tribo dos Xavantes, que possui personalidade jurídica, departamento desportivo, beneficente, cultural, feminino, etc. Como ia longa a conversa e estava na hora de partir saímos para a rua. Azafamado, *Pajé Assaiquessu* organizava o pessoal. Segredamos a Léo Guerreiro: "O homem está identificado. Já está tudo claro". E lhe assoprámos:

Em 1954 veio a Porto Alegre o conjunto afro-baiano chamado Coci Odé Canifá Lorum. Era composto de seis elementos femininos e dois masculinos. Davam espetáculos em "boites", e teatro. Em sua festa de despedida, realizada no Cinema Castelo, fêz-se presente também a tribo dos Xavantes. Cobriamos o assunto para um dos jornais da cidade e estávamos nos bastidores, atento ao espetáculo. Vamos sintetizar o que publicamos no Diário de Notícias, P. A., acerca do fato, em data de 6-2-1954:

Quando entraram em cena os Xavantes, depois de algumas canções carnavalescas, cantaram um legítimo "ponto" de umbanda dedicado ao "Caboclo Urubatã". Aquilo era a umbanda em pleno carnaval. Depois de um sobressalto pela descoberta, para certificar-nos inquirimos dois dos maiores da tribo, já fora do palco. Ambos confirmaram a observação. Um deles, no entanto, foi mais lon-

PELA primeira vez o repórter vê em P. Alegre a machadinha de Xangô como é a esculpida até hoje na Bahia e África. Peji do "babaré" J. B. Dias.



"E AGORA, MEU FILHO, O SENHOR VAI TIRAR UMA FOTOGRAFIA JUNTO COMIGO..."

ge: confessou que os "espíritos-guias" de indígenas, por causa da fantasia de índios, baixavam do espaço e se materializavam para acompanhar a tribo. Que ele próprio, incrédulo a princípio, terminou por "receber", por ser "atuado" por caboclos. Daí por diante todos os membros da tribo deviam andar direitinho, crentes ou não, pois se andassem mal os espíritos guias os castigavam. Disse ainda ter sido ele quem fundara antes os *Caetés*, dos quais se afastara após, fundando então os *Xavantes*.

Pois toda esta parte final, da fundação dos *Caetés* e, posteriormente, a dos *Xavantes*, o *Pajé Assaiquiessu* tornou agora a repetir, usando a primeira pessoa do singular. Em suma: *Pajé Assaiquiessu* e aquele informante antigo eram uma mesma e única pessoa. Embora negue hoje qualquer compromisso entre os *Xavantes* e a Umbanda.

TOTAL COMPROVAÇÃO

Retomando o fio da história, na noite do Domingo da Pinhata *Pajé Assaiquiessu* permitiu que acompa-

nhássemos os *Xavantes* em seu caminhão de transporte coletivo. Lembremo-nos disto: o *Pajé* afirmara que iriam comer e beber alguma coisa na casa de uma senhora que desejava obsequiá-los. O caminhão rodou muito até que foi dar no Partenon, perto das Bananeiras, numa rua que nos informaram chamar-se Avenida Alameda (?). Na rua sem calçamento, de terra avermelhada, paramos defronte de uma casa de madeira muito iluminada. Era ali o destino. Saltamos todos. Pelas janelas abertas de par em par e onde se viam algumas pessoas, divisamos fileiras de bandeirinhas de papel colorido pendendo do teto. Ainda do lado de fora lemos os dizeres da placa de metal afixada à parede externa: "Sociedade Beneficente 24 de Julho — Fundada em 9-XII-1922". Foi o quanto bastou para convencer-nos de que estávamos precisamente num "terreiro". Restava saber que espécie de terreiro, se "de nação", se de umbanda. Procurando ser discretos combinamos com o fotógrafo apanhar algumas fotos do lado de fora, à en-

trada da tribo. Mas um senhor da casa nos ouviu e disse que poderíamos bater chapas mesmo no interior da sala. As coisas melhoravam consideravelmente. A sala, de boas dimensões, indicava, à primeira vista um terreiro de Umbanda. Além das bandeirinhas no teto, das paredes pendiam inúmeros símbolos rituais. A um canto, uma prateleira com numerosos orixás "em vulto", isto é, esculpidos, de variados tamanhos. Contra a parede dos fundos, à altura dos olhos e em forma de oratório, um altar da "Cabocla Jurema", todo enfeitado, com a imagem da divindade indígena ao centro. Por cima dessa parede (na realidade meia-parede) via-se mais ao fundo uma outra prateleira alta, onde se enfileiravam as típicas "vasilhas" que contêm os fetiches, os "cutás", as pedras, ou "otás" como se diz na Bahia. Ao redor de toda a sala, uma banda de quadros com registros de santos católicos e retratos de pessoas. Por baixo do altar da Cabocla Jurema uma espada desembainhada,

HOJE... E SEMPRE!



**SETE
MARAVILHOSAS
TONALIDADES!**

JOANETES

Calos - Calosidades - Dedos Doloridos



**UMA SIMPLES APLICAÇÃO...
ACABA COM A DOR!**

Os Zino-pads Dr. Scholl acabam imediatamente com a dor nos joanetes (inchaço da articulação do dedo grande). Nenhum outro método proporciona alívio tão completo e pouco dispendioso. Protege os pontos sensíveis. Alivia a pressão dos sapatos novos ou apertados. Em tamanhos, tamanhos, para calos, calosidades, calos moles entre os dedos. Adquire os Zino-pads Dr. Scholl nas melhores lojas, nas drogarias, farmácias e sapatearias.



Calos



Calosidades



Calos entre os dedos

Zino-pads Dr. Scholl

A MACUMBA... Cont.

deposta horizontalmente sobre uma cadeira simples. À direita, uma porta que presumíamos dar para o "peji", o quarto dos santos, como é chamado o santuário de uma casa de culto afro-brasileiro.

A pessoa que nos franqueara as fotos nos chama e apresenta a um senhor de idade. Já entrecarregado pelo peso dos anos:

— "Este é o Sr. João Batista Dias, o nosso 'babaré'. Já tem oitenta anos!"

Depois das apresentações formais indagamos o que significava "babaré". A mesma pessoa que nos proporcionara a apresentação se prontificou a explicar:

— "Quer dizer chefe da casa, chefe de culto".

Essa foi a primeira vez que ouvimos tal palavra no Brasil, onde sempre se diz "babalorixá", "pai de santo" e até "irmão-maior" em certas casas de umbanda. Só reconhecemos parte dos componentes "babá" que em língua nagô significa precisamente "pai".

O "babaré" João Batista Dias foi gentil e cordial para conosco: franqueou-nos não somente a sala mas a casa toda, logo ao perceber que entendíamos alguma coisa "da lei" (de umbanda, no caso).

Com os Xavantes dentro da sala fomos batendo chapas. A esta altura nem nós falávamos nada ao *Pajé Assaiquessá* nem ele nos dizia nada. Depois de tudo, para que falar?

Em meio a pasteizinhos e refrigerantes servidos à mão, era geral a confraternização. Organizaram-se os Xavantes e, acompanhados por seus instrumentos de percussão e de cordas, entoaram o "ponto" cujas palavras transcrevemos abaixo:

"Estrêla Dalva
É a nossa guia.
Ilumina o mundo sem parar.
Vinde, Vinde, companheiro,
Ai de mim tão só.

"A estrêla brilha
Lá no alto do mar.
Salve a rainha Yemanjá,
Calunguinha do mar.
Estou contente,
Quem vem na onda
É Nanã..."

O "ponto", com bela melodia, é de Arthur Vargas, da própria tribo, que o batizou com o título "Naná". Salvo melhor juízo, este "ponto" merece as seguintes observações:

É dedicado a Iemanjá, divindade africana, nagô, deusa das águas salgadas. Na letra, Iemanjá se confunde duas vezes. Primeiro, com "calunguinha do mar", sabendo-se que "calunga" é o próprio deus-mar em certas culturas bantus. Depois, com Nanã. Nananturucu, no Brasil geralmente sincretizada com Santa Ana, mãe de Nossa Senhora. Nanã é também uma divindade iorubana. Veja-se que este "ponto" é uma canção carnavalesca da própria tribo.

BEM ONDE A ONÇA BEBE ÁGUA

Conversando com uns e outros da casa, fomos ganhando intimidade e simpatia, para o que muito ajudavam o nosso conhecimento do assunto e a

"Rolleiflex" do fotógrafo. Em dado momento e com permissão do babaré estávamos dentro do peji, fotografando tudo o que queríamos. Para se avaliar a que isso significa, diga-se de passagem que o peji é o local mais sagrado do terreiro, e onde só certas pessoas têm direito de penetrar, assim mesmo descalças, como determina o ritual. Para nós o babaré deu "agô" (licença) para ficarmos calçados. Ao deixar o peji andamos pela casa, entreando-nos com os elementos dos Xavantes. Lá pelas tantas o babaré nos mandou chamar pessoalmente ao peji. Quando transpomos de novo a sua porta encontramos o velho e cordial babaré tendo nas mãos vários "colares de guia". Enfiando-nos as guias com delicadeza, disse ele:

— "Agora, meu filho, o senhor vai tirar um retrato com estes colares, tendo este..."

— "Arê", continuamos nós.

— "Este agô nas mãos" — confirmou o babaré.

Chamado às pressas, Léo Guerreiro chegou a tempo de intervir com felicidade. Dizia o babaré:

— "Se quiser tirar sozinho, muito bem. Se não, pode escolher um companheiro..."

— "O senhor mesmo!" — exclamou Guerreiro.

CONFISSÃO PLENA

Saimos do peji conversando com o mesmo personagem que nos apresentara ao babaré. Já tínhamos compreendido que ele é o braço direito, o mais graduado assistente do velho chefe-de-culto. Entre um gole e um naco de pastel, num pequeno corredor, falamos das vitórias dos Xavantes durante o carnaval. Vamos reproduzir o diálogo. Dissemos nós:

— "Quantos prêmios, mesmo, conseguiram ganhar os Xavantes neste ano?"

— "Veja o senhor: além de ganhar o campeonato geral, oficial da cidade, ganharam onze primeiros lugares dos doze bairros onde se apresentaram! No bairro do Partenon, no qual perderam a primeira colocação, conseguiram o segundo lugar."

— "Que coisa espantosa!"

— "Ah! — fez ele com ar entre confidencial e orgulhoso — mas quem foi que deu isso tudo pra os Xavantes? Foi aqui o 'velho', o nosso babaré! Pois foi o babaré que 'preparou' eles, que fez todo o 'serviço' pra eles ganharem..."

E continuou, como nova hábil:

— "Por que, na última noite de carnaval, antes de ir a qualquer outra parte, por que vieram cá hoje, diretamente, se não para agradecer ao babaré?"

Dai se conclui que a vitória dos Xavantes não pertence a eles propriamente. Foi obra da força mágico-religiosa do babaré João Batista Dias. Em verdade os Xavantes lutaram contra todos os clubs da cidade. E a todos derrotaram, evidenciando sobremaneira o poder destruidor de Oxum, deus da guerra e do ferro, e orixá patrono do terreiro vencedor.

Por algo se boquejava com despeito na cidade: "Os Xavantes ganharam porque saíram com a Umbanda pra rua!"

É a macumba subjugando o carnaval.